



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UnICEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

SAMANTA DE FRANÇA SERRANO

**A ARTE RUPESTRE DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PEDRA ESCRITA E SUA RELAÇÃO
COM A PAISAGEM**

BRASÍLIA

2018



SAMANTA DE FRANÇA SERRANO

**A ARTE RUPESTRE DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PEDRA ESCRITA E SUA RELAÇÃO
COM A PAISAGEM**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica
apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e
Pesquisa.

Orientação: Deusedith Rocha Júnior

BRASÍLIA

2018

A ARTE RUPESTRE DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PEDRA ESCRITA E SUA RELAÇÃO COM A PAISAGEM

Samanta de França Serrano – UniCEUB, PIC Institucional, aluno bolsista
samanta.fr.serrano@gmail.com

Deusdedith – UniCEUB, professor orientador
deusdedith.junior@uniceub.br

Este trabalho apresenta a importância do estudo arqueológico na realização de um resgate da memória dos homens e mulheres pré-históricos que passaram pela região do Planalto Central, além de contribuir para uma maior compreensão de como ocorreram às primeiras ocupações humanas nesta região. Na análise e no levantamento das pinturas rupestres presentes no sítio arqueológico Pedra Escrita, localizado na região da Chapada dos Veadeiros, próximo ao povoado de São Jorge-GO percebe-se o homem pré-histórico como parte de um conjunto com a paisagem da região. Também é possível ter compreensão sobre a forma com que esse território influenciou no cotidiano dos grupos pré-históricos que se fizeram presentes naquele local, como eles interpretavam as dinâmicas territoriais, e em qual contexto o sítio analisado está inserido. A metodologia consistiu em um levantamento fotográfico, no desenho digital das pinturas rupestres e em observações paisagísticas, segundo o georreferenciamento do sítio Pedra Escrita, a fim de perceber quais condições favoreceram a realização das pinturas naquele local. Com o resultado das análises do levantamento fotográfico, realizamos uma classificação tipológica das pinturas rupestres, para que chegássemos a uma datação aproximada. O sítio arqueológico Pedra Escrita possui 221 pinturas rupestres, que são predominantemente da Tradição Geométrica. Há também alguns antropomorfos e zoomorfos representados, e as pinturas são majoritariamente nas cores vermelho, amarelo e preto. A maioria apresenta um bom estado de conservação. As pinturas presentes no referido sítio comparadas com outros sítios de pintura rupestre da região do Planalto Central foi necessária para determinar a datação dos grupos de homens pré-históricos que fizeram seus registros naquele local. Em relação com os outros sítios rupestres da região, como os de Serranópolis e Caiapônia, e segundo estudos anteriores realizados nesses sítios, usando o método de teste do carbono 14, e pela similaridade das pinturas rupestres entre os sítios, podemos concluir que, na localidade do sítio arqueológico Pedra Escrita, o homem viveu há cerca de 11 mil anos. Diante disso, o trabalho traz consigo a importância da análise das pinturas rupestres do sítio analisado para ampliar a grelha interpretativa das mesmas, o que contribui para a realização de outras pesquisas sobre o comportamento e a evolução do homem pré-histórico. Por meio das análises das pinturas rupestres do sítio arqueológico Pedra Escrita, podemos perceber que a escolha do paredão não foi ao acaso. Por estar no leito de um córrego intermitente, o Buritirana, vemos que era um lugar que gerava segurança e a garantia de alimento e água, pois nos períodos de seca, o local mantém pequenos reservatórios de água. Destarte, podemos perceber

que o espaço em que o homem se insere está repleto de construções sociais e simbólicas, o que possibilita mais de uma interpretação das pinturas. Uma delas é a de função mitológica, o que mostra que o paredão era um local propício às manifestações artísticas do mundo religioso e metafísico do homem pré-histórico; outra interpretação possível é a necessidade instintiva de marcar a territorialidade, o que representa uma forma de unidade cultural entre os grupos.

Palavras-chave: Arte rupestre; sítio Pedra Escrita; homem pré-histórico; paisagem.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização Chapada dos Veadeiros.....	15
Figura 2: Imagem satélite da localização do sítio arqueológico Pedra Escrita, nas proximidades de São Jorge.....	15
Figura 3: Imagem representando todo o paredão rochoso.....	17
Figura 4: Imagem contendo as representações gráficas, em formas geométricas e zoomorfos, nas cores vermelha e amarelo.....	18
Figura 5: Imagem representando pinturas em forma de “grade” círculos, nas cores vermelho e amarelo	19
Figura 6: Imagem representando pinturas em forma de “grade” círculos, nas cores vermelho e amarelo	19
Figura 7: Imagem aproximada do paredão do sítio Pedra Escrita	20
Figura 8: Representações em forma de grade, um antropomorfo e círculos, na cor vermelha	20
Figura 9: Imagem contendo um zoomorfo, localizado na pedra entre duas rochas, e formas curvilíneas	21

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
METODOLOGIA E PESQUISA DE CAMPO.....	14
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	25
APÊNDICES.....	28

INTRODUÇÃO

A pesquisa proposta busca analisar a arte rupestre pré-histórica do sítio arqueológico Pedra Escrita, e preocupa-se em compreender, por meio da análise do sítio e das gravuras representadas nele, como os primeiros habitantes da região do Planalto Central ressignificavam o meio em que estavam inseridos, e como se relacionavam com a paisagem. A análise acerca da importância do estudo arqueológico na realização de um resgate da memória dos homens e mulheres pré-históricos que passaram pela região, também é um dos principais motivadores do presente estudo.

A Chapada dos Veadeiros, também conhecida como o Berço das Águas, é o local onde se encontra o maior segmento de cerrado contínuo em todo o mundo. O parque, que hoje abrange cerca de 65 mil hectares, se localiza na região nordeste do estado de Goiás e é formado por uma cadeia contínua de serras, que se configuram em uma paisagem diversificada em conjunto com uma grande biodiversidade em seu cerrado aberto. Situa-se, atualmente, no domínio morfoclimático das caatingas, e possui mais de duas mil cachoeiras catalogadas, onde o principal rio é o Rio Preto, que desemboca na bacia do rio Tocantins, que dá origem a diversos outros afluentes. É nesse cenário do Planalto Central onde o sítio arqueológico de pintura rupestre, Pedra Escrita, se localiza, próximo ao distrito povoado de São Jorge, no município de Alto Paraíso, GO.

Inscrita na Lista do Patrimônio Mundial sob os critérios IX e X, a região da Chapada dos Veadeiros é um exemplo excepcional dos processos ecológicos e biológicos significativos da evolução e do desenvolvimento de ecossistemas por conter um dos mais importantes e significativos habitats naturais para conservação *in situ* da diversidade biológica. A inscrição foi realizada em 2001, em conjunto com outras áreas de preservação, sob o nome “Áreas Protegidas do Cerrado: Parques Nacionais da Chapada dos Veadeiros e das Emas”.

O sítio Pedra Escrita é composto por uma série de registros pré-históricos em um bom estado de preservação. São aproximadamente 220 pinturas, que possuem um perfil gráfico único em todo o paredão, a qual a maioria dos grafismos rupestres fazem parte da Tradição Geométrica. O paredão onde essas pinturas rupestres estão representadas é de formação arenítica, e se localiza à esquerda de um córrego intermitente, o Buritirana.

As representações ali registradas, caracterizam e representam a memória dos nossos povos ancestrais que há muito viviam nessas terras. Essas gravuras nos auxiliam a compreender melhor a história dos nossos ancestrais e, conseqüentemente, a nossa história, além de contribuir com o melhor entendimento sobre como se deu nossa evolução cultural-cognitiva, como esses primeiros homens se organizavam e percebiam o mundo ao seu redor.

A arte rupestre é de grande interesse para o estudo arqueológico brasileiro por ser um dos elementos da arqueologia que mais desperta a curiosidade e que mais instiga o imaginário do ser humano (BERROCAL, 2004). A arte é a representação do imaginário, a externalização da memória, das idéias, de um indivíduo inserido em um contexto social. O principal objetivo do “artista” é se comunicar com outros membros do seu grupo social, com grupos rivais ou até mesmo com entidades metafísicas, e a pintura rupestre registrada no paredão do referido sítio, é um meio de transmissão de uma informação entre o artista (emissor) e os inúmeros receptores que passaram pela mesma região ao longo dos últimos milhares de anos.

Os registros pré-históricos, além de representarem o modo com que esses homens resolviam as adversidades para que a produção artística fosse possível, independentemente de sua finalidade, representam também, através de todos os significados que as gravuras possuem, a cultura imaterial de um povo durante um longo período.

Muitos estudiosos dedicam sua vida a estudar a arte rupestre, desde sua documentação até sua interpretação. Por ter sido sempre comparada e analisada do ponto de vista estético ocidental, é necessário que se entenda o contexto cronocultural daqueles que a produziram para, assim, termos uma melhor compreensão sobre essas manifestações do pensamento do homem pré-histórico. Para tanto, é necessário que haja uma interpretação mais aprofundada das pinturas, não somente o seu levantamento descritivo, através de ferramentas analíticas próprias da arqueologia da paisagem.

O Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, registra inúmeros sítios arqueológicos do tipo de pintura e gravura rupestre, em abrigos e paredões, no Goiás, onde seus artistas deixavam suas impressões representada ali. Contudo, a maioria desses sítios possuem apenas o

registro de cadastramento, e o sítio analisado faz parte desse grupo. **ANEXO A: Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos - Impressão**

Há alguns fatores que ameaçam a preservação do sítio Pedra Escrita, como a ação dos agentes erosivos naturais, intemperismos, e até o resultado da interferência humana, decorrente da falta de educação patrimonial. A pesquisa se preocupou em fazer o levantamento fotográfico do sítio, visto que algumas pinturas estão ameaçadas de desaparecimento, levando consigo todo o vestígio da ação humana pré-histórica no local.

A documentação e o registro do sítio se fazem necessários devido a urgência da preservação desse patrimônio, por representarem a memória dos nossos ancestrais e os primeiros testemunhos da nossa história, além de serem os "únicos vestígios deixados consciente e voluntariamente pelos homens pré-históricos, como salientava Annette Laming-Emperaire" (PROUS, 1992).

O principal objetivo dessa pesquisa é analisar a arte rupestre do sítio Pedra Escrita, compreender os principais conceitos vinculados aos estudos de pintura rupestre, com foco para os estudos de arte rupestre e arqueologia da paisagem no Planalto Central, com o intuito de entender o contexto ao qual o sítio Pedra Escrita se encontra.

Ao realizarmos a análise e o levantamento das pinturas rupestres presentes no sítio arqueológico Pedra Escrita, podemos perceber o homem pré-histórico como parte de um todo, junto com a paisagem da região, desde a fauna, flora, até sua relação com corpos celestes. A compreensão sobre a forma com que esse território influenciou no imaginário e no cotidiano dos grupos pré-históricos que passaram por aquele local, e qual contexto o sítio arqueológico se insere, também foi uma das problemáticas que incitaram à idéia de trabalhar com o sítio supracitado, visto que nunca houve uma análise dos seus grafismos rupestres, além da análise de como a dinâmica territorial era representada pelos homens pré-históricos e sua influência no cotidiano de grupos pré-históricos que ali viveram. O desenvolvimento dos conceitos de arte rupestre e arqueologia da paisagem, qual a importância deles, e de que forma estes podem ser aplicados ao referido sítio e ao Planalto Central, também foram algumas das problemáticas levantadas no início da pesquisa. Os resultados finais da pesquisa colaboram com uma maior compreensão

dos aspectos mais relevantes das primeiras ocupações humanas, e sua história, na região do Planalto Central.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A arte rupestre é, com certeza, dentro da pré-história brasileira, o elemento que se encontra mais em destaque, em geral, fora de contexto estratigráfico. Contudo, ainda são inúmeras e, muitas vezes, divergentes as discussões que giram em torno dos estudos sobre a arte rupestre pré-histórica. No Brasil, as pesquisas geralmente são pautadas pelo estudo das tradições rupestres, onde são considerados os tipos de figuras, as proporções relativas entre elas e as possíveis relações entre figuras que compõe um painel (MARTIN, 1997). O principal objetivo deste tipo de estudo é ordenar e agrupar as figuras com traços distintivos e temáticas semelhantes de uma mesma região (PROUS, 2003) em grupos que representam identidades culturais (PESSIS, 1992). Para Guidon (1989) as tradições foram delimitadas de acordo com as pinturas e suas proporções relativas nas áreas estudadas. Os estudos geralmente resultam em dados estatísticos que contribuem para a melhor compreensão da gestão do território na pré-história. Trigger (2004, p. 18 e 19), define: A arqueologia (...) procura explicar o que aconteceu a um grupo específico de seres humanos no passado e fazer generalizações a respeito do processo de mudança cultural.

Bednarik definia o termo “arte rupestre” como:

[...] consists of markings occurring on rock surfaces that were ‘intentionally’ produced by members of the genus Homo (i. e. anthropic markings), that are detectable by ‘normal’ human sensory faculties, and that are conceptmediated externalizations of a ‘conscious’ awareness of some form of perceived reality (BEDNARIK, 2007).

De acordo com Merlin Donald (1991) a evolução cultural-cognitiva pode ser dividida em três principais estágios: O desenvolvimento de habilidades miméticas, as invenções lexicais e a externalização da memória (DOWNSON, 1998). A evolução cultural-cognitiva é um resultado direto do processo evolutivo da morfologia craniana dos hominídeos, no último milhão de anos.

A anatomia do aparelho fonético dos hominídeos, e até mesmo de outros membros do reino animal, já os habilitavam a pronunciar determinados sons, como vogais. Contudo, o segundo estágio da evolução cultural-cognitiva descrito por Donald

(1991) veio com o *Homo sapiens*, com capacidades mais complexas de articular e modular os sons, resultando sobretudo em uma grande revolução social. Antes de ser palavra a linguagem é um pensamento e por excelência a linguagem é um veículo de comunicação entre o interno (pensamento) e o externo (palavra) (VIALOU,2005).

O pensamento é manifestado através de códigos simbólicos, que são convenções criadas por um grupo social e que expressam “o modo de imaginar, pensar, experimentar e construir o mundo” (GALLARDO 1998,1999 *apud* GALLARDO, 2004) em que viviam. Neste sentido, os símbolos são então representações ideológicas do modo de vida de uma comunidade. A ideologia constitui a operacionalidade da cultura, agindo diretamente na construção do indivíduo como sujeito social ao mesmo tempo em que é construída pela relação social dos indivíduos (SOUSA FILHO, 2012).

Os códigos simbólicos em um primeiro momento foram materializados na fala, através da palavra, que somente existe quando há uma interação social, onde há interdiscursividade, com emissor e receptor. O contexto social conduz a produção e a recepção das formas simbólicas. Para Thompson (1995) o receptor assimila e interpreta o símbolo, em um processo ativo e criativo de interpretação de acordo com sua carga cultural e ideológica.

As imagens mentais podem ter surgido antes da fala, contudo a capacidade de externalizar e materializar veio depois, sendo fruto da combinação de três condições: desenvolvimento da memória figurativa, intencionalidade e desenvolvimento do pensamento abstrato (GUBERN, 1992, *apud* BERROCAL, 2004). A associação dessas condicionantes resulta na capacidade da invenção visual-simbólica, gerando uma variedade de complexas convenções gráficas (DONALD, 1991). A capacidade de materialização do pensamento através da expressão gráfica é a principal revolução cultural no processo evolutivo do *Homo sapiens sapiens*, pois possibilita a perpetuação do pensamento e a sofisticação da comunicação, perpassando diversas condicionantes temporais. A arte rupestre pré-histórica torna-se, desta maneira, o primeiro registro arqueológico dessa evolução cultural-cognitiva, que ultrapassa cinquenta mil anos.

A arte é uma forma de expressão do ser humano, onde ele consegue representar o visível (real) e o simbólico. Os códigos simbólicos são a expressão do imaginário. A

representação dos signos, que fazem parte apenas do universo simbólico de uma determinada sociedade, não significando absolutamente nada para outras sociedades. Os signos foram criados para referenciar determinados objetos, acontecimentos ou conceitos. Possuem significados pontuados, contudo, existem independente do receptor conhecer seu significado. ” (ABREU, 2011).

O estudo da arte rupestre é possibilitado somente a partir da identificação e do registro da arte, que segue critérios próprios tanto para o levantamento de pintura, quanto para o levantamento de gravura. A arqueologia rupestre é o estudo sistemático da arte rupestre como um artefato arqueológico, baseado, principalmente, na metodologia de levantamento e registro (FOSSATI *et all*, 1990).

Conceitualmente, a arte carrega em si significados estéticos, que, muitas vezes, reduzem a compreensão da arte rupestre como um produto do homem pré-histórico. Dessa forma, a arqueologia rupestre visa contribuir no estudo da pré-história tratando a arte rupestre, essencialmente, como um artefato pré-histórico, produzido por um grupo social que continha intenções que perpassavam o sentido único estético. Ao contemplar a totalidade do sítio arqueológico, tornam-se perceptíveis nuances da tecnologia da manufatura da arte rupestre, permitindo a percepção de sobreposições (ABREU, 2012).

Através dessas compreensões, possibilita-se a identificação dos grupos produtores da arte, considerando os diversos aspectos relacionados às temáticas e às técnicas utilizadas para a manufatura da arte. O estudo das diferentes camadas arqueológicas de um painel de arte rupestre, priorizando a observação das sobreposições, permite criar uma sequência estratigráfica, tal como ocorre com as escavações arqueológicas, possibilitando identificar uma cronologia relacionada às temáticas e aos grupos sociais executores da arte, ou seja, do ambiente cultural ao qual a arte está inserida. O estudo das sobreposições, em conjunto com outros elementos, como a pátina (...) pode contribuir com criação de um quadro cronológico das gravuras (ABREU, 2012). McManmon define sítio arqueológico a reunião de elementos que os constituem, tais como artefatos, estruturas e solos antrópicos (1984 apud BICHO, 2011).

A análise da extensão territorial de determinado tipo de arte rupestre é um mecanismo que colabora com a compreensão da mobilidade do homem pré-histórico. Outrossim, em conjunto com as análises geomorfológicas e paisagísticas,

permite criar um mapa de distribuição espacial relacionado ao uso dos recursos naturais pelos grupos pré-históricos que habitaram determinada região. A capacidade de escolher move o homem a buscar locais com características socioambientais favoráveis a alimentação e proteção, e também com características mais subjetivas, muitas vezes não claras para outras sociedades.

É notável, assim, que o ser humano é capaz de modificar e de construir sua própria realidade. É modificando o território que a paisagem se modifica, se intensifica, propiciando uma incursão sob a égide do sentimento de pertencer a algo, ou à algum lugar - onde o mundo acontece (Viana, Queiroz e Costa, 2016)

Knapp e Ashmore (1999) mostram que o espaço e a paisagem são 'entidades' diferenciadas, que devem ser pensadas como objetos passíveis a análises integradas às pesquisas arqueológicas. Berrocal (2005) contribui com esta linha de pesquisa, descrevendo que esta deve ser entendida como um *“marco de una concepción geográfica del desarrollo social, en el que las relaciones primarias que el ser humano establece con su entorno son condiciones necesarias para la evolución histórica consecuyente”*.

A arqueologia da paisagem se torna, então, um novo horizonte às pesquisas que visam explorar a interação do homem com o meio físico em que esteve inserido. Uma de suas premissas é o fato de que o espaço onde vive o homem é repleto de conotações e criações humanas e jamais será um espaço vazio, carregando em si construções sociais e simbólicas.

Dessa maneira, o estudo da paisagem se torna uma ferramenta analítica que possibilita o melhor entendimento de distribuição espacial de sítios arqueológicos, dentro de uma região. A metodologia da pesquisa arqueológica embasada na arqueologia da paisagem deve considerar as fontes de recursos naturais, as bacias hidrográficas, o relevo, entre outros, inserindo os sítios arqueológicos nesse contexto, através da criação de mapas que elucidam a interação do sítio arqueológico com a paisagem.

Sobre os primeiros habitantes da região estudada, Felipe e Souza afirmam:

“Os pioneiros do Cerrado no Planalto Central ocupavam um conjunto de abrigos com bastante intensidade, contradizendo a expectativa de que eles, a maior parte do tempo, vagariam pelo território sem ponto de amarração. Certamente eram populações compostas por poucas famílias, que tinham um lugar bem identificado por acidentes geográficos, pinturas e gravuras, no qual permaneceram por muito tempo, servindo de referência. Em outros

lugares do planalto a permanência nos sítios foi menor, ou porque não existiam grandes coberturas rochosas que os abrigassem, ou porque os recursos que buscavam estavam mais distribuídos no espaço. Nesses lugares o conceito de nomadismo parece mais aplicável” (FELIPPE & SOUZA, 2006).

A paisagem, segundo Knapp e Ashmore, pode ser considerada como uma “entidade diferenciada” (KNAPP & ASHMORE, 1999), pressupondo que a capacidade de escolher move o homem a buscar locais com características socioambientais favoráveis à alimentação e proteção e também com características mais subjetivas, muitas vezes não claras para outras sociedades (ABREU, 2011).

Relacionar espacialmente os lugares de habitação e as fontes de recursos naturais exige uma apurada noção de orientação geográfica, que é possível através da observação da conjunção dos elementos da geomorfologia e paisagem e também da observação astronômica (BOCCAS, 2004). A arqueoastronomia é definida como o estudo da interação do homem pré-histórico com os corpos celestes representada através da arte rupestre. A representação de corpos celestes e de fenômenos astronômicos eram comuns entre povos pré-históricos em todos os continentes. A arqueoastronomia inter-relaciona-se com a arqueologia cognitiva, porque estuda habilidades cognitivas astronômicas de grupos e civilizações passadas e o que esses povos pensavam sobre os fenômenos celestes (COIMBRA, 2008).

METODOLOGIA E PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa dividiu-se em três etapas complementares que visavam alcançar os objetivos propostos com mais eficiência. Essas três etapas são: levantamento bibliográfico e de dados primários, análise dos mesmos e redação dos resultados obtidos durante a pesquisa.

Na primeira etapa foi realizada a pesquisa de campo, com enfoque no levantamento da arte rupestre, em observações paisagísticas e no georreferenciamento dos principais elementos observados, buscando compreender como era a região e como esta interferiu para que as pinturas ocorressem naquele local. O registro da arte rupestre se fez necessário, através de levantamento fotográfico; e posterior análise dos desenhos digitais, que possibilitaram a análise, classificação tipológica das pinturas rupestres para auxiliar a identificação de uma datação aproximada. O estudo da arte parietal, segundo Martin (1997), deve seguir uma sequência lógica,

que sirva de parâmetro para o desenvolvimento das linhas de pesquisa. Portanto, seguindo a linha de Martin, na primeira etapa também foi analisado o entorno do sítio e os problemas de conservação.

O registro foi realizado ao lado direito das margens do córrego Buritirana, localizado no pequeno cânion, a 645 metros de altitude, 14° 13' 22" de latitude Sul e 47° 54'48" de longitude Oeste.

Figura 1



Mapa de localização Chapada dos Veadeiros. Fonte: disponível no site <https://pt.wikipedia.org>

Figura 2

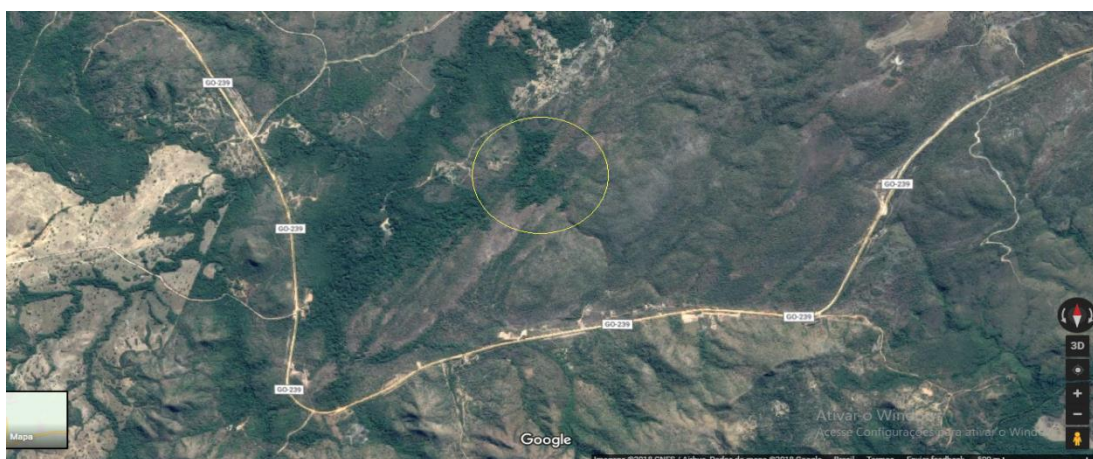


Imagem satélite da localização do sítio arqueológico Pedra Escrita, nas proximidades de São Jorge (destaque nosso). Fonte: retirada do site <https://www.google.com.br/maps>

Na segunda etapa foi realizada a análise dos dados obtidos, onde as pinturas foram classificadas de acordo com a tipologia. Nesse momento também ocorreu as análises comparativas com outros tipos de arte já identificadas em outros sítios

arqueológicos na região do Planalto Central, a fim de determinar a datação aproximada de cada grupo que passou por aquele local.

A terceira e última etapa foi dedicada à produção textual, a qual buscou relatar todos os resultados obtidos na pesquisa e os resultados das análises feitas sobre os vestígios identificados. Por fim, foram abordadas as relações que podemos traçar entre os grupos pré-históricos que ali registraram sua presença e suas relações com a paisagem local, representados em possíveis interpretações dos significados das inscrições rupestres.

Informações adicionais: Os registros foram feitos pelo uso de uma câmera Cânon T6, Lente 18.55. Conferência de registro: Ernest Wust - 1989-1991. Croque.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O sítio arqueológico Pedra Escrita se localiza na área de proteção fazenda Oréades, e recebeu sua denominação no registro arqueológico de Sítio São Jorge 1 (GO-NI-96). Está localizado próximo ao município de Alto Paraíso, São Jorge, na Chapada dos Veadeiros-GO. Nunca houve uma análise sobre o sítio, somente um levantamento de dados realizado pelos pesquisadores nas áreas próximas à cota de inundação da Usina Hidrelétrica Serra da Mesa, entre os anos 1989 a 1991. O órgão responsável por essa análise inicial foi o Instituto Goiano da Pré-História e Antropologia, da universidade Católica de Goiás.

Os homens e mulheres pré-históricos, caçadores e coletores, no Brasil, dependiam de certas condições climáticas e geológicas para poderem realizar as atividades do seu cotidiano, bem como se alimentar, dormir e produzir os instrumentos que eram necessários para certas práticas, como a caça. Um fator que era fundamental para sua sobrevivência era a topografia e a hidrografia local. Um dos fatores que levaram os nossos ancestrais a passarem pelo local onde hoje é o sítio arqueológico Pedra Escrita é sua hidrografia, pois o paredão de formação arenítica se posiciona no leito de um córrego, atualmente intermitente, o Buritirana, que fica a 645 metros de altitude em relação ao mar.

Durante o período de seca, o rio apresenta pequenos reservatórios de água, principalmente em frente às inscrições rupestres. Desta forma, era um ambiente que teria água, não somente nos períodos chuvosos, mas em praticamente todo o período de seca, o que garantia a certeza de um ambiente com um número

considerável de vegetação e adequado para a reprodução de certos tipos de animais.

Apesar de toda ação dos agentes erosivos naturais, dos intemperismos, e da ação antrópica, a maioria dos registros se encontram em um bom estado de conservação, o que determinam a relevância histórica do sítio como alta.

O paredão de arenito apresenta uma formação lisa e regular, o que facilitou para que os antigos pudessem fazer os seus registros naquele local. Pela cor clara de alguns blocos de pedra, é possível que, antes de realizar as pinturas, os homens pré-históricos lixaram os blocos de pedras com outras pedras, para dar um maior destaque às pinturas.

Figura 3



Imagem representando todo o paredão rochoso. Fonte: Imagem autoral.

O sítio dispõe de aproximadamente 221 pinturas, onde mais de 75% está em um bom estado de preservação, são predominantemente da Tradição Geométrica, que se caracteriza por figuras geométricas, e pode ser subdividida em dois grupos: Meridional e central, e setentrional, o qual Niède Guidon chamou de “Tradição Itacoatiara”. O sítio Pedra Escrita se encaixa na Tradição Itacoatiara, pois são “exclusivamente sítios gravados nas imediações dos rios (...), onde aproveitam o afloramento de rochas duras.” (PROUS, 1992). Apesar disso, as pinturas rupestres

não ficam submersas no período das chuvas; elas se tornam mais visíveis quando há presença de água sobre as inscrições.

Podemos perceber as pinturas no paredão rochoso a partir de 0,30 m até 6,1 metros em relação ao solo, onde a grande maioria foi realizada entre 2 a 4 metros do chão. As pinturas podem se classificar em quatro categorias: Antropomorfos (2,5%), zoomorfos (3,5%), geométricos (83%) e “figuras não definidas” (11%).

Figura 4



Imagem contendo as representações gráficas, em formas geométricas e zoomorfos, nas cores vermelho e amarelo. Fonte: Imagem autoral.

As inscrições são predominantemente nas cores preta, amarelo e vermelho, provenientes de pigmentos naturais como o genipapo, urucum e carvão, vegetais e óxido de ferro, muitas vezes misturados a resinas vegetais.

Os antropomorfos formam a menor parcela dos registros. São seis, no total, e apresentam cabeça, tronco e membros. A cabeça de todos possui forma arredondada; dois possuem pescoço; três apresentam troncos compridos; todos estão isolados uns dos outros. Cinco dessas representações estão dispostas em na vertical, e uma na diagonal. O tamanho delas varia entre 10 cm a 30 cm, e suas cores variam entre preto, vermelho e um único em amarelo.

Há oito zoomorfos, todos pintados em vermelho. Há parte de um cervídeo representado, com a cabeça bem preservada; há sete répteis, com todos os membros, porém há um que apresenta dedos, e outro não apresenta cauda. Variam entre 8 cm a 25 cm.

Figura 5



Imagem representando pinturas em forma de “grade” círculos, nas cores vermelho e amarelo. Fonte: Imagem autoral.

Figura 6



Imagem representando pinturas em forma de “grade” círculos, nas cores vermelha e amarelo. Fonte: Imagem autoral.

As pinturas geométricas, maioria no sítio, são no total 186. Possuem diferentes formas, entre elas, círculos, losangos, triângulos, em forma de “grade”, traços sequenciados, retos ou curvos, formando uma série de traços paralelos, oblíquos e

verticais. Há várias sequências de pequenos retângulos, por vezes preenchidos. São figuras isoladas, em sua maioria nas cores vermelho e preto, com o tamanho variando entre 8 cm a 98 cm.

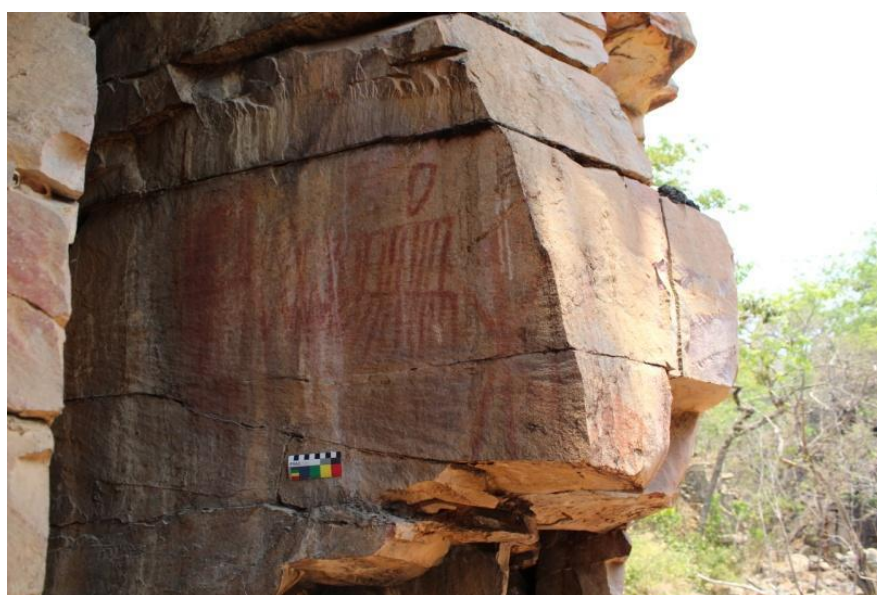
As figuras não definidas se configuram em registros já parcialmente deteriorados, e precisam de uma análise mais detalhada.

Figuras 7



Imagem aproximada do paredão do sítio Pedra Escrita. Fonte: Imagem autoral.

Figura 8



Representações em forma de grade, um antropomorfo e círculos, na cor vermelha. Fonte: Imagem autoral.

A princípio, é possível identificar que um dos primeiros instrumentos a ser usado para marcar uma superfície com tinta, foram os dedos. Grande parte das pinturas no

sítio Pedra Escrita foram registradas por esse método. Além disso, é perceptível que um dos critérios de escolha para a realização das pinturas naquele local foi a possibilidade que o paredão proporciona para a tentativa de posicionar as pinturas em lugares visíveis, mas que não poderiam ser atingidas pela mão humana sem certas dificuldades (PESSIS, 2003). No referido sítio, graças à sua formação rochosa, é possível inferir que os homens pré-históricos aproveitaram dos espaços entre as fendas das rochas para se apoiar, e poder realizar os registros.

Figura 9



Imagem contendo um zoomorfo, localizado na pedra entre duas rochas, e formas curvilíneas. Fonte: Imagem autoral

Os registros rupestres do sítio Pedra Escrita se assemelham a outros sítios que também possuem uma predominância da Tradição Geométrica no Goiás. Um dos sítios que apresentam uma grande semelhança com o referido sítio é o de Serranópolis-GO, pois dispõe de muitas pinturas que seguem o mesmo estilo das que estão presentes na Pedra Escrita. A datação dos registros feitos em Serranópolis é de 9000 a.C., e foi determinada através do uso do método do teste do carbono 14. Portanto, por meio da comparação entre os sítios, podemos determinar que no sítio analisado, as pinturas datam de, aproximadamente 9000 a.C.

Esses grupos de homens e mulheres pré-históricos que habitaram/passaram por aquele local, e deixaram seu registro, eram grupos de caçadores e coletores. Se alimentavam de vegetais, raízes, frutos, e da caça, principalmente de veados que nos tempos mais remotos, era animal muito presente naquela região.

Atualmente, a maioria dos trabalhos publicados por arqueólogos retratam a tipologia morfológica, o que auxilia na classificação e definição das unidades representadas nos sítios arqueológicos (PROUS, 1992). Esse conhecimento do peso simbólico das manifestações artísticas, na maioria dos casos, é mais relevante do que realizar interpretações dos grafismos rupestres (PROUS, 1992). Porém, para obtermos uma análise comparada à paisagem, e compreendermos como esta interferiu no cotidiano, na cultura e no modo de pensar desses grupos pré-históricos, essa interpretação se faz necessária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É certo que o homem pré-histórico fez observações sobre a natureza, a analisou dentro do seu contexto, e fez diversas representações da mesma, seja em pequenos traços simples nas rochas até grandes santuários. Desta forma, é indubitável que a arte parietal deve ser estudada, pela arqueologia, como uma forma de manifestação do pensamento humano. Os seus autores ou grupos étnicos aos quais pertenceram, provavelmente, por muitas vezes, mantiveram contato entre si, produzindo-se natural evolução no tempo e no espaço (MARTIN, 1997).

Através de experimentos feitos com certos grupos indígenas, pela equivalência etnográfica, é possível ter uma interpretação sobre o significado das pinturas/gravuras rupestres, principalmente sobre as representações pertencentes à Tradição Geométrica. Desta forma, sabemos que esses grafismos podem ter um significado místico, como a representação de deuses, da morte, bem como podem representar coisas mais práticas do dia a dia, como o ritual de caça, plantas e rios.

A definição de grafismo geométrico é aplicada quando o grafismo lembra alguma das formas geométricas conhecidas (MARTIN, 1997).

A Tradição Geométrica, por vezes, é considerada de Tradição “astronômica”, pois certas representações artísticas remetem a idéia das estrelas, lunações ou até trajetórias solares. As pinturas rupestres que têm a forma arredondada, como uma

série de pinturas do sítio Pedra Escrita (Figura 4), são principalmente atribuídas à representação de corpos celestes (MARTIN, 1997).

Martin também levanta a hipótese de que, por ser comum a presença de lagartos registrados nos diversos sítios de tradição Geométrica, eles podem representar alguma constelação ou algum mito, relacionado ao firmamento, para aqueles grupos étnicos.

A tradição Itaquiara (na língua tupi, significa pedra pintada), pertencente à tradição geométrica, é representada no leito dos rios e córregos, apresentam uma grande variedade de técnicas das representações gráficas feitas nas rochas. Por estarem sempre perto de cursos d'água, é difícil definir a que grupo étnico as representações gráficas pertencem, bem como é difícil determinar uma cronologia para os mesmos.

Contudo, é evidente o culto das águas por parte desses grupos humanos, por meio dos seus registros rupestres, do mesmo modo que podemos relacioná-los ao firmamento, pois as linhas onduladas parecem imitar o movimento das águas (MARTIN, 1997), bem como podem ser uma representação dos astros. O culto das águas por parte dos homens e mulheres que viveram na pré-história no Planalto Central é compreensível, pois viviam grandes períodos de seca; os locais com água poderiam ser considerados sagrados.

Além dessa interpretação, podemos inferir que as representações gráficas são um tipo de sistema de contagem, seja como um calendário, até a contagem dos membros do grupo a qual o artista pertencia; uma forma de descrição social, descrição genealógica ou uma manifestação ideográfica. Também é possível dizer que podem ser registros das manifestações religiosas ou mágicas, bem como a descrição das experiências dos Xamãs, após fazerem a ingestão de certas substâncias, proporcionando diferentes experiências visuais e sensações.

Sobre a análise dos registros rupestres, Martin (1997) afirma que:

“Registros rupestres são, sem dúvida, uma fonte inesgotável de informações antropológicas e podem e devem ser estudados sob vários aspectos, o etnológico, o estático, o cronológico ou como formas de apresentação e de comunicação e também como processo de desenvolvimento artístico e das faculdades estéticas humanas. A análise múltipla do registro rupestre nos proporcionará respostas também múltiplas, de grande valor para o conhecimento da sociedade pré-histórica que o realizou”

Há diversas formas de interpretar os registros rupestres, feitos por diferentes grupos étnicos pré-histórico. Além das marcações territoriais, podemos dizer que as pinturas

representadas nos painéis formam uma nova forma de contato, difundindo diferentes bagagens culturais.

Esta pesquisa dá possibilidade para que haja diversas outras pesquisas sobre o sítio arqueológico Pedra Escrita, ademais dá abertura para que haja uma investigação mais profunda sobre os registros rupestres presentes naquele paredão rochoso. A necessidade de um trabalho com a comunidade, sobre educação patrimonial, relacionado ao sítio, também se faz presente, uma vez que preservar a memória dos antepassados é preservar e compreender a nossa história e nossa identidade. “Não podemos negar o valor da imaginação nos caminhos da pré-história, para evitar que esta se transforme numa árida relação de dados, sem atingir a realidade humana” (MARTIN, 1997).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, C..Pintura rupestre pré-histórica geométrica do Parque Nacional Serra das Confusões: análise preliminar. Dissertação (Mestrado em Quaternário e Pré-história) – Muséum National d'Histoire Naturelle, MNHN, Paris, França.

ABREU, M.S. *Rock-art in Portugal – History, Methodology and traditions*. 2012. Tese (Doutorado em Quaternário, Materiais e Cultura) – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.

A. Arte Rupestre Brasileira: Uma Tentativa de Classificação. Revista de PréHistória, São Paulo, USP, v. 7, p. 9-33, 1989.

ASHMORE, W.; KNAPP, A. (eds.). *Archaeologies of Landscape*. Blackwell, Malden: Oxford. 1999.

BUCO, C.A. *Arqueologia do Movimento – Relações entre a Arte Rupestre, Arqueologia e Meio Ambiente, da pré-história aos dias atuais, no vale da Serra Branca. Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil*. 2012. Tese (Doutorado em Quaternário, Materiais e Cultura) – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.

COIMBRA, F. A. "Cognitive Archaeology, Rock Art and Archaeoastronomy: Interrelated Disciplines" in Cognitive Archaeology as Symbolic Archaeology, Proceedings of the XV UISPP World Congress (Lisbon, 4-9 September 2006) / Actes du XV Congrès Mondial (Lisbonne, 4-9 Septemb, :35-40, Archaeopress, Oxford, England, 2008.

CRUZ BERROCAL, M. *Paisaje y arte rupestre: ensayo de contextualización arqueológica y geográfica de la pintura levantina*. 2005. Tese (doutorado em pré-história) - Facultad de Geografía e Historia, Universidade Complutense de Madrid, Madrid.

DONALD, M. *Origins of the Modern Mind: Three Stages in the Evolution of Culture and Cognition*. Cambridge (MA): Harvard University Press, 1991.

DOWSON, T. A. *Rock Art: Handmaiden to Studies of Cognitive Evolution*, pp. 67-76, in RENFREW, C., SCARRE, C. *Cognition and Material Culture: The Archaeology of Symbolic Storage*. Cambridge: McDonald Institute for Archaeological Research, University of Cambridge, 1998.

FONSECA, Fernanda. *O olhar do outro: a arte rupestre de Palestina de Goiás e a comunidade local*. 2016. Goiânia.

FOSSATI, A., JAFFE, L; e ABREU, M. *Rupestrian Archaeology. Techniques and Terminology. A Methodological Approach: Petroglyphs*. Cooperativa Archeologica Le Orme dell'Uomo. Brescia, 1990.

GALDINO, Luiz. *A astronomia indígena*. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2011.

GALLARDO IBÁÑEZ, F. *El arte rupestre como ideología: un ensayo acerca de pinturas y grabados en la localidad del río salado (desierto de atacama, norte de chile)*. Simposio Marxismo y Arqueología, Chungará (Arica) v.36 supl.espec. t1 Arica sep. 2004.

GUIDON, N. *Tradições Rupestres da Área Arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil*. CLIO, Recife, n.5, 1989.

Imagem satélite da localização do sítio arqueológico Pedra Escrita, nas proximidades de São Jorge.
<<https://www.google.com.br/maps/place/S%C3%A3o+Jorge,+Alto+Para%C3%ADso+de+Goi%C3%A1s+-+GO,+73770-000/@-14.1956804,-47.8706411,15z/data=!4m5!3m4!1s0x93450a72e4fb38ed:0x2eaf0017ef60ca96!8m2!3d-14.1770378!4d-47.813581>> . Acesso em: 20 agosto de 2018.

PESSIS, Anne-Marie. *Imagens da Pré-História*. FUMDHAM, 2003.

LARAIA, R. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986. LEMOS, M. M. *Patrimônio arqueológico da região sudoeste de Goiás: ações de educação patrimonial*. 2012. Monografia (Curso de Arqueologia) – PUC-GO, Goiânia, GO, 2012.

Mapa de localização Chapada dos Veadeiros.
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Alto_Para%C3%ADso_de_Goi%C3%A1s#/media/File:Goiás_Municip_AltoParaisodeGoias.svg>. Acesso em: 20 agosto de 2018.

MARTIN, G. *Pré-história do Nordeste do Brasil*. 2ed. Recife: Editora Universitária, 1997.

PESSIS, A.M. *Identidade e classificação dos registros gráficos pré-históricos do nordeste do Brasil*. CLIO, n.8. Recife: UFPE, 1992.

PROUS, A. *Arqueologia Brasileira*. 2. ed. Brasília: Editora da UNB, 1992.

SOUSA FILHO, A. *Ideologia e transgressão*. Revista Electrónica de Psicología Política. En línea, v. 11, p. 207-224, 2012.

SOUZA, F. A. M. *Manifestação sobre a atual situação da Cidade de Guaribas, símbolo do Programa Fome Zero*. Diário do Senado Federal, Brasília,DF, n. 210, 19 dez. 2008, p. 53892-53894.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis/RJ, Vozes, 1995.

VIALOU, D. & VILHENA VIALOU, A. *Modernité Cérébrale - Modernité Comportementale de Homo Sapiens*. Anthropologie (Brno), XLIII / 2-3, pp. 241-247, 2005.

APÊNDICES

TRANSCRIÇÃO CADERNO DE CAMPO II

Título: A arte rupestre do sítio arqueológico Pedra Escrita e sua relação com a paisagem	
Chapada dos Veadeiros (GO) / Pedra Escrita - São Jorge 1	Data da realização: 14/10/2017
14.10.2017 - Sábado	
Coordenadora: Carolina Abreu	
Equipe: Samanta Serrano, André Moura, Danielle de Queiroz e Deusdedith Júnior.	
Sítio: Pedra Escrita / São Jorge 1 Chapada dos Veadeiros (GO)	
Local: 23L 0186228 UTM 8425733 Elevação: 598m	
Da posição actual: 176ºm 25m	
Conferência de registro: Ernest Wust - 1989 - 1991	
Croque	
Atividade: Levantamento fotográfico	
Câmera: Canon T6 / Lente 18.55	
Sítio de pintura rupestre	
Falta: Tamanho do paredão / tamanho de cada painel	
<p>Começamos nossa atividade sete horas da manhã. O tempo estava seco e fazia muito sol. Devido à uma queimada recente bem próxima ao sítio, havia muita fumaça, e a vegetação ao redor foi muito prejudicada. As fotos foram feitas entre 8 e 11 h. O paredão foi dividido em cinco pontos, a fim de capturar o máximo de pinturas possíveis no registro fotográfico. Nele, há uma grande colmeia que deixa alguns detritos nos blocos de pedra abaixo dele (foto: 481 e 482), o que pode vir a encobrir algumas pinturas rupestres. O paredão se localiza às margens de um rio atualmente seco. As pinturas se encontram em um bom estado de conservação e têm boa visibilidade. A maioria das pinturas têm uma pigmentação bem forte (Vermelho, amarelo e preto), e, mesmo tendo alguns poucos antropomorfos, elas fazem parte, em sua maioria, da tradição geométrica. Há um registro de predação recente no local, perto de umas pinturas que estão a, mais ou menos, um metro de altura.</p>	
1º ponto de fotografia: foto 39-144	
2º ponto de fotografia: 145-268	
3º ponto de fotografia: 269-382 Não considerar a foto 301	
4º ponto de fotografia: 383-480	
5º ponto: 486- 525 Não considerar as fotos 490, 495, 496 Fotos das imagens individuais: 525 - 599	